

## **Fortes e Fortalezas. A participação da FUNCEB na restauração e divulgação do Patrimônio Nacional**

**Paulo Roberto Rodrigues Teixeira**  
**Fundação Cultural Exército Brasileiro - FUNCEB**  
[funceb@funceb.org.br](mailto:funceb@funceb.org.br)

### **I – INTRODUÇÃO**

O Exército Brasileiro dispõe de um rico patrimônio histórico e cultural, disseminado por todo o espaço territorial brasileiro. Todo esse patrimônio, representado por inúmeros fortes, fortalezas, sítios históricos, bibliotecas, documentos, museus, monumentos, armas, equipamentos e obras de arte, constitui referência de grande importância para a história da sociedade brasileira.

Nesse tema estaremos apresentando a importância da Fundação Cultural Exército Brasileiro (FUNCEB), a sua criação e o trabalho que vem sendo realizado, recuperando, preservando e divulgando os fortes e fortalezas espalhados por todo o Brasil.

Daremos um enfoque especial à divulgação das três mais importantes fortalezas localizadas na Baía de Santa Catarina.

Abordaremos também a sua divulgação e de outras atividades culturais por intermédio da revista DaCultura e publicação de livros.

### **II – DESENVOLVIMENTO**

#### **1. FUNDAÇÃO CULTURAL EXÉRCITO BRASILEIRO (FUNCEB)**

Para permitir melhor acesso e divulgar o precioso acervo, o Exército apoiou a iniciativa do empresariado brasileiro de constituir uma fundação cultural. Ela seria uma entidade civil, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, dispoendo de autonomias administrativa, financeira e patrimonial.

No dia 1º de março de 2000, em cerimônia no Quartel-General, em Brasília, era criada a FUNCEB e, na presença de autoridades, tomava posse como o primeiro presidente o Dr. Flávio Antônio Corrêa.

Duas finalidades do estatuto da FUNCEB dizem respeito ao nosso tema:

- Recuperar e preservar o patrimônio histórico e artístico do Exército Brasileiro.
- Divulgar a história, o patrimônio artístico militar e outros aspectos da cultura militar brasileira.

#### **1.1. PROJETOS DE RESTAURAÇÃO**

##### **A. GENERALIDADES**

Ao longo desses anos, desde a sua criação, foram realizadas várias restaurações de fortes e fortalezas, administradas pela FUNCEB, captando recursos financeiros em diversas fontes para a execução desses projetos. Fazemos referência:

##### **B. FORTE SÃO DIOGO**

Foi edificado entre 1626 e 1635 e está localizado na Baía de Todos os Santos, na cidade de Salvador. A sua construção foi resultado da primeira invasão holandesa. O inimigo havia

desembarcado em praia completamente desguarnecida. Para impedir que essa operação se repetisse, uma vez que a ameaça externa continuava, o governo construiu o Forte São Diogo, no local do desembarque da primeira invasão.

Apresentando más condições de conservação, foi necessária a restauração do rico patrimônio, uma vez que a visitação turística estava sendo prejudicada. Em 2002 foram realizadas obras de reparação e conservação com recursos provenientes da Petrobrás.

### **C. FORTALEZA DE SANTA CRUZ**

É considerada uma das mais belas fortificações da costa brasileira. Teve suas primeiras edificações construídas há quase cinco séculos, com o objetivo de defender a entrada da Baía de Guanabara. Em 1612 a fortificação recebeu a denominação de Fortaleza de Santa Cruz da Barra.

O estado de conservação precário exigiu uma restauração ampla, incluindo telhado, paredes, portas e janelas. O Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDES) patrocinou o projeto concluído em janeiro de 2004.

### **D. FORTE DO BRUM**

No final do século XVI, a Capitania de Pernambuco destacava-se pela sua atividade econômica, representando papel de grande importância para a Colônia. A indústria açucareira projetava-se nesse cenário. A prosperidade de Recife fez com que se tornasse alvo da cobiça de outros países.

A grande preocupação era a ameaça vinda pelo mar.

O Forte do Brum foi construído para proteger a cidade e o porto.

Em 2006, pelas más condições da portada do forte, um projeto de reparação foi aprovado e executado para preservar as características arquitetônicas do patrimônio e manter a sua integridade. Os recursos financeiros para a sua execução foram provenientes da Petrobrás e das indústrias Klabin.

## **1.2. DIVULGAÇÃO**

### **A. GENERALIDADES**

Para se cumprir uma das finalidades da FUNCEB, prevista no estatuto, ou seja,

- divulgar a história, o patrimônio artístico militar e outros aspectos da cultura militar brasileira, criou-se a Revista DaCultura no primeiro semestre do ano de 2001. Sua linha editorial seria calcada no que estava previsto no estatuto.

Estaríamos mostrando a um seleto grupo de leitores uma face oculta, para muitos, do Exército Brasileiro na área cultural. Definiu-se que apresentaríamos em cada edição uma reportagem sobre os fortes e fortalezas espalhados em todo o Brasil. Um tema que imediatamente obteve a aprovação dos leitores, confirmada pelos diversos e-mails recebidos, elogiando as reportagens publicadas.

Atualmente estamos editando a revista nº 16, apresentando a Fortaleza de São José da Ponta Grossa, na Ilha de Santa Catarina. Seguem os demais números já publicados: Fortaleza de Santa Cruz, Forte de Coimbra, Forte do Brum, Forte Mont Serrat, Fortaleza Nossa Senhora de Assunção, Forte de Santo Antônio da Barra, Forte de Santa Maria, Forte São Diogo, Fortaleza de Anhatomirim, Forte dos Reis Magos, Forte Orange, Forte São Marcelo, Fortaleza de Santo Antonio de Ratonés, Fortaleza de Santo Amaro.

A publicação de livros também tem sido realizada, divulgando a história do Brasil em várias épocas. Citamos o mais recente “MURALHAS DE PEDRA, CANHÕES DE BRONZE, HOMENS DE FERRO”, de autoria do historiador Adler Homero Fonseca de Castro, publicado

recentemente o 1º volume, mostrando as fortificações no Estado do Rio de Janeiro. Há previsão da edição de mais dois volumes cobrindo todo o território nacional

## **B. OS FORTES DA BAÍA DE SANTA CATARINA**

### **1. GENERALIDADES**

A presença européia em Santa Catarina data do início do século XVI, restringindo-se apenas às expedições de exploração da Vila Nossa Senhora do Desterro.

O litoral Catarinense, no período compreendido entre o início do século XVIII e a independência, prosperou muito lentamente. Os aventureiros e ambiciosos iam em busca do ouro em outras regiões.

Havia abandono do governo. A maioria das suas vilas achava-se entregue aos próprios recursos, lutando contra os selvagens, conhecendo profundamente a pobreza. Entretanto, no meio das adversidades, os catarinenses viviam em paz e eram felizes. Alimentavam-se dos produtos da caça, da pesca e de pequenas lavouras, retirando da floresta próxima carnes variadas e frutos saborosos.

Em 1680, Portugal fundou a Colônia do Sacramento, atual República do Uruguai, em frente de Buenos Aires. Havia dois objetivos da metrópole: um econômico e outro geopolítico. O econômico era o de partilhar das riquezas que se encontravam na Bacia do Rio da Prata e que dali destinavam-se à Espanha; o geopolítico era o interesse em assegurar e apoiar a integração por via fluvial e marítima, do centro do poder do Brasil Colônia, no Rio de Janeiro, com Mato Grosso do Sul, atingido pelos bandeirantes paulistas, no período da união das coroas de Portugal e Espanha, de 1580 a 1640.

A reação da Espanha foi imediata. A Colônia sofreu vários ataques oriundos de Buenos Aires. O suporte logístico provinha do Rio de Janeiro. Era muito difícil mantê-lo, principalmente depois que os espanhóis apoderaram-se de Montevidéu.

A Ilha de Santa Catarina, estrategicamente, oferecia excelentes condições para ser transformada em base naval, militar e logística. Era preciso, entretanto, fortificá-la. Em 1738, foi criado o Governo Militar de Santa Catarina, desvinculando-a da região de São Paulo e subordinando-a ao Rio de Janeiro. O primeiro governador nomeado, em 1739, foi o Brigadeiro José da Silva Paes.

No período de 1739 a 1741, construiu quatro fortalezas com o intuito de transformar a ilha em poderosa base portuguesa. Foram elas: São José da Ponta Grossa, Santa Cruz de Anhatomirim, Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição.

As três primeiras constituíram um triângulo de defesa para impedir o acesso de navios estrangeiros, fechando a entrada da baía ao norte. Ao sul da ilha, a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, ou de Araçatuba, fechava a entrada da baía ao sul.

O objetivo principal dessas fortificações era o de defender o território das incursões de navios estrangeiros que aportavam na ilha para atividades de contrabando, pirataria, reabastecimento de lenha, água e descanso para as guarnições. As fortalezas serviram ainda para apoiar as comunicações entre Rio de Janeiro, Santos e as bases portuguesas do sul.

Em 1777, ocorreu a invasão. As fortalezas não contaram com o apoio naval nem com o apoio terrestre da tropa de infantaria na defesa contra o inimigo que se preparava para atacá-la. A divisão naval abandonou a ilha, deslocando-se para a Cidade do Rio de Janeiro. As guarnições das fortalezas abandonaram suas posições e os espanhóis tomaram posse da ilha, assinando o termo de capitulação na Vila do Desterro.

Em virtude do Tratado de Santo Ildefonso, assinado em 1º de outubro de 1777 e confirmado em 11 de março de 1778, a Ilha de Santa Catarina foi devolvida a Portugal em junho de 1778, tendo o domínio espanhol durado apenas alguns meses.

Em 1785, um historiador francês alertou para a pouca importância estratégica das fortificações. O sistema de defesa da ilha entrou em descrédito e cada uma delas passou a ser progressivamente relegada a segundo plano.

## 2. FORTALEZA DE SANTA CRUZ DE ANHATOMIRIM

A Fortaleza de Santa Cruz está localizada na Ilha de Anhatomirim, em Governador Celso Campos, na região da Grande Florianópolis. É a principal e maior fortificação catarinense, por ter sido a sede do primeiro governo da Capitania de Santa Catarina.

Com o material de artilharia, que dispunha, representava, na época, poderoso poder de fogo. Era a artilharia de D. João V de Portugal.

Em toda a extensão da ilha encontram-se edifícios históricos dos séculos XVIII, XIX e XX, espalhados de maneira harmônica, contrastando com a beleza do mar e da vegetação.

Ao desembarcar na ilha, entrando na fortaleza, uma escadaria de pedra dá acesso à portada principal que conduz a uma praça central, em frente da Casa do Comandante.

O Quartel da Tropa, nas proximidades, é um prédio que se destaca pela magnífica arquitetura renascentista. Possuía, na época da sua construção, quatro baterias. A bateria nordeste formava, juntamente com a bateria norte, as duas principais bases de fogo da fortaleza. Nelas os canhões ficavam colocados sobre carretas de madeira e estas sobre uma estrutura de tijolos ou, algumas vezes, com pedras. Essas bases encontram-se hoje alteradas pelas adaptações que sofreram principalmente nas duas guerras mundiais, quando receberam novos armamentos. Hoje a bateria norte transformou-se em grande área verde de lazer sombreada por uma frondosa jaqueira.

A Fonte de Anhatomirim é um poço natural de água potável e muito abundante, abrigada por uma construção de alvenaria de tijolos com cobertura em forma de abóbada. Sua função no século XVIII, mantida até os dias atuais, era a de coletar e armazenar as águas provenientes de um olho-d'água natural da ilha, a fim de abastecer a fortaleza.

A Árvore dos Enforcados faz parte do folclore da ilha. Trata-se de um araçazeiro que, segundo a tradição popular, teria sido local de enforcamento e fuzilamento de dezenas de prisioneiros no final da Revolução Federalista, em 1894, quando Anhatomirim foi usada como presídio. Na parte mais alta da ilha ergue-se o Farolete, que juntamente com o farol da Ilha Arvoredo orienta a navegação noturna pela entrada da baía norte.

O Paiol tem a sua localização afastada das instalações principais. O primeiro a ser construído era considerado demasiadamente exposto e vulnerável. No século XIX, construiu-se novo paiol, oferecendo maior segurança contra qualquer ameaça externa.

Em 1894, durante a Revolução Federalista, Anhatomirim reassume a importância ao servir de presídio e base de fuzilamento de revoltosos contra o governo de Floriano Peixoto. Essa é considerada a fase mais negra e dramática de sua história, quando os federalistas foram levados para lá e não retornaram. O movimento rebelde foi debelado em Santa Catarina, com a prisão e execução de 185 amotinados. Após o episódio, ocorreu a mudança do nome da cidade de Desterro para Florianópolis.

Em 1907 passou a pertencer ao Ministério da Marinha. Em 1932 voltou a ser utilizada como prisão no desfecho da Revolução Constitucionalista. Em 1938 foi tombada pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN.

Durante o período compreendido entre as I e II Guerras Mundiais a fortaleza ganhou novas instalações, como a estação Radiotelegráfica e a usina de eletricidade, e foi re-equipada com armamentos mais modernos.

Até o fim da II Guerra Mundial funcionou como fortificação, sendo desativada por causa da evolução tecnológica bélica, que a tornou ineficaz como unidade militar. A Marinha ainda manteve as instalações em função da existência do farolete de sinalização marítima, até os anos 1960. A partir daí, a fortaleza foi definitivamente abandonada e depredada.

Em 1979, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) “adotou” a fortaleza, reabrindo-a ao público em 1984 e transformando-a em uma das principais atrações turísticas do sul do país.

### **3. FORTALEZA DE SANTO ANTÔNIO DE RATONES**

Está localizada na Ilha de Ratonos Grande, na baía norte, em frente da Praia de Sambaqui. Sua denominação deve-se ao explorador espanhol D. Álvaro Núñez, dito Cabeza de Vaca, que, em 1541, a batizou Ratonos, por considerá-la semelhante a um enorme rato, ou ratón, em espanhol. É, provavelmente, entre as fortalezas idealizadas por Silva Paes, a que menos sofreu modificações posteriores. Assim como as outras edificações similares construídas no século XVIII, no Brasil, Santo Antônio de Ratonos possui traços de influência renascentista. Apresenta planta poligonal orgânica, com seus edifícios em linha sobre o terrapleno, protegidos, à retaguarda, pela encosta e voltados para o mar, quase todos localizados em um único platô guarnecido por uma muralha de pedra, que se desenvolve ao norte, em formato curvo, seguido retilinearmente para sudoeste.

O Paiol de Pólvora foi construído em dois pisos. As instalações e as muralhas que o protegem foram construídas em alvenaria de pedra, com argamassa e revestimento à base de cal. O material de construção da rocha do tipo riólito foi extraído da própria ilha, fazendo-se exceção aos elementos de cantaria do portal de entrada, na Fonte de Água e nos degraus da escadaria que dá acesso ao Paiol de Pólvora.

O Pórtico Principal, lavrado em granito rosa, emoldura o acesso a um pequeno túnel com teto abobada. É decorado com um frontão triangular de influência clássica. O acesso efetua-se por meio de uma ponte levadiça sobre um fosso.

A Fonte de Água é uma obra de singular beleza e arrojada concepção arquitetônica. De água pura e cristalina, supria toda a guarnição por intermédio de um aqueduto, que une a casa do comandante aos aquartelamentos. Fazia parte do sistema de captação de águas pluviais, provenientes dos telhados dos edifícios principais, e completava o suprimento proveniente da Fonte de Água.

Em meados do século XIX, já desativada, algumas instalações foram adaptadas e convertidas em enfermarias para tratamento da epidemia de cólera e outras doenças contagiosas, funcionando, também, como lazareto ou leprosário até o início do século XX.

Em 1893, durante a Revolução Federalista, à qual juntam-se as integrantes da Revolta da Armada, foi ocupada pelos rebeldes, que ali instalaram dois canhões raiados em calibre 70, outro Krupp de calibre 8 e, ainda, um Whitworth de alma sextavada, que permanece até hoje nas proximidades do ancoradouro. A tentativa foi frustrada.

Em 1938, foi tombada pelo IPHAN. Nessa época, a fortaleza encontrava-se em precárias condições de conservação, abandonada e em ruínas. Várias tentativas sucederam-se com o propósito de preservar o patrimônio. Estas efeturaram-se nos anos 1950, 1960 e 1980, todavia permanecia em péssimas condições.

A partir de setembro de 1982, uma grande campanha pública mobilizou empresários, universitários, professores, entre outros voluntários que, durante um ano, em todos os finais de semana, realizaram a limpeza das instalações da fortaleza e do seu entorno. Essa cruzada culminou, entre os anos de 1990 e 1991, com o início de um projeto de restauração, em cooperação com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente o Projeto Fortaleza da Ilha de Santa Catarina, uma iniciativa elaborada pelo IPHAN e pela UFSC, vem resgatando o valioso Patrimônio Histórico.

### **4. FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DA PONTA GROSSA**

Está localizada ao norte da Ilha de Santa Catarina, entre as Praias do Forte e de Jurerê, em Florianópolis. A construção austera e imponente caracteriza-se pela riqueza da sua arquitetura, apresentando traços de influência renascentista.

É protegida por longas e robustas muralhas que abrigam, em seus vértices, estratégicas guaritas de vigilância que permitiam a observação dos navios inimigos a longa distância. Os seus edifícios são distribuídos por três terraplenos em cotas distintas, contidos pelas espessas muralhas, formando polígonos irregulares protegidos à retaguarda pela encosta do morro, com as baterias voltadas para o mar, interligadas por rampas de pedra apoiadas sobre o terreno.

A sua construção foi feita em alvenaria de pedra extraída da própria região de Ponta Grossa, com exceção do elemento de cantaria, encontrado no pórtico principal e na casa da guarda, e pedra de lioz, também conhecida como mármore português, existente nas soleiras da casa do comandante, no Paiol de Pólvora e em algumas bases para os canhões.

Entre os edifícios o mais significativo é sem dúvida a Casa do Comandante, que era geminada com o Paiol de Pólvora, formando o único conjunto com dois pavimentos da fortaleza, o que se tornava uma fragilidade no sistema de defesa pelo risco de explosão, caso fosse atingido pelas granadas dos canhões inimigos.

A portada de acesso possuía originalmente uma ponte levadiça e um frontão triangular, e o corredor de acesso era coberto por uma abóbada em alvenaria de tijolos. Ao longo desse corredor, localizavam-se o calabouço com porta e janela que, na época, eram gradeadas, e a casa da guarda, iluminada naturalmente por abertura em forma de seteiras. Essas construções apresentavam o teto em forma de abóbada.

As pedras de cantaria da soleira das portas dos edifícios e as bases de algumas plataformas dos canhões são talhadas em pedra de lioz. O abastecimento de água potável era garantido por uma fonte situada na posição externa às muralhas da fortaleza. No terrapleno intermediário, localizavam-se a segunda ordem de bateria e o quartel da tropa, com piso em alvenaria de tijolos, a cozinha e a casa de farinha anexas.

No século XIX, dispunha de 29 peças de artilharia, encontrando-se em ruínas em 1863.

Foi usada, mais tarde, para fins pacíficos, sendo o mais importante deles os serviços de saúde prestados à comunidade local. Acolheu doentes mentais em suas masmorras e, em épocas de epidemias, serviu como porta de isolamento para conter o avanço das doenças.

Foi tombada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), depois transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1938, época em que se encontrava completamente abandonada. A partir de 1976, por iniciativa do IPHAN, começaram a ser executadas intervenções de limpeza da vegetação e consolidação das ruínas com vistas ao trabalho de restauro.

Em 1977, foram realizadas obras de consolidação de urgência em alguns trechos das muralhas, na casa do comandante, na portada e ainda restauração parcial da capela. Foi cadastrada como sítio arqueológico no ano de 1987, passando a ser protegida por lei federal. O IPHAN/Fundação Pró-Memória realizou os primeiros trabalhos de prospecção arqueológica, que tiveram sequência em 1989-1990 com a equipe do Museu Universitário da UFSC.

### III – CONCLUSÃO

A criação da FUNCEB, iniciativa do empresariado brasileiro, trouxe um grande benefício ao patrimônio histórico e cultural espalhado em todo o país. Divulgou e facilitou o acesso ao precioso acervo. O público teve a oportunidade de descobrir a beleza do patrimônio que estava oculto para muitos. Fortes, fortalezas, sítios históricos, bibliotecas, documentos, museus e armas, foram colocados à disposição de todos. Visitantes, estudiosos, pesquisadores, escolas, instituições culturais, enfim, uma gama imensa de brasileiros e estrangeiros que têm usufruído destas riquezas culturais.

A FUNCEB, elo no Sistema Cultural do Exército, integra a cadeia de apreciação e aprovação dos Projetos Culturais de interesse do Exército, foi usada captando recursos financeiros para a sua

execução. Desta maneira, vários fortes e fortalezas foram restaurados, disponibilizando-os para o aproveitamento turístico.

A Revista DaCultura tem divulgado os fortes e fortalezas localizados nas diversas regiões do Brasil. Chegamos à edição de nº 16 e , em todas elas, o carro-chefe tem sido a reportagem dessas fortificações, onde mostramos as suas características, história e aproveitamento como centro cultural, realizando em exposições temporárias, temas regionais que enriquecem a cultura dos visitantes.

Livros de autores renomados, também têm sido instrumentos usados pela FUNCEB. “Muralhas de Pedra, Canhões de Bronze, Homens de Ferro”, foi um sucesso. E prosseguimos, buscando mostrar à sociedade fatos históricos que marcaram a sociedade Brasileira.

Encerramos, dando um destaque especial à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pelo trabalho que tem realizado nos fortes da Baía de Santa Catarina. Uma administração perfeita, graças a uma equipe altamente qualificada, liderada pelo arquiteto Toner, que desenvolve o Projeto Fortalezas Multimídia, com o aproveitamento turístico de todo este acervo, proporcionando aos visitantes a oportunidade de desfrutar dos belíssimos patrimônios históricos, legado que recebemos de nossos antepassados.

### **Referências**

- CORREIA, João Rosado. Fortificações Portuguesas no Brasil. Monsaraz: Centro de Estudos Patrimoniais Lusófonos da Fundação Convento da Orada, 1998.
- FROTA, Guilherme de Andrea. Quinhentos Anos de História do Brasil. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.
- O Exército na História do Brasil. Rio de Janeiro: Bibliex; Salvador, Odebrecht, 1007, 3u.
- SIQUEIRA, Ricardo. Fortes e Faróis. Rio de Janeiro : R. Siqueira, 1997, 183pp.
- SOARES, João Batista. Ilha de Santa Catarina, Fortificações Históricas.
- TONERA, Roberto. Fortaleza Multimídia. Florianópolis: Projeto Fortaleza Multimídia. editora da UFSC, 2001 (CDROM).
- Revista DaCultura – nos 1, 3, 8, 14, 15 – FUNCEB, Rio de Janeiro.